



CULTURA

Chico, enfim, recebe o Camões 4 anos depois

Numa cerimônia sobretudo política, cantor, compositor e escritor “agradece” a Bolsonaro por não ter “sujado” a homenagem

» VICENTE NUNES
Correspondente

Patrícia de Melo Moreira/AFP



Após contundente discurso contra Bolsonaro, Chico agradece à plateia. E alertou que o fascismo não morreu: “Não podemos nos descuidar”

Lisboa — Depois de quatro anos do anúncio da condecoração, o cantor, compositor e escritor Chico Buarque recebeu, ontem, o Prêmio Camões, um dos mais importantes do mundo. A demora se deveu à recusa do ex-presidente Jair Bolsonaro em assinar o documento que garantia a honraria. A cerimônia teve um tom eminentemente político, com críticas contundentes do agraciado com a honraria e do presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

“O ex-presidente teve a rara fineza de não sujar meu Prêmio Camões”, disse Chico, no discurso de agradecimento, ao dedicar a distinção “a tantos autores humilhados e ofendidos nesses anos de estupidez e obscurantismo”.

Muito emocionado — com a voz embargada por vários momentos —, Chico em momento algum citou o nome de Bolsonaro. O diploma foi entregue por Lula e pelo presidente de Portugal, Marcelo Rebelo de Sousa, em uma cerimônia da qual participaram políticos, ministros e ex-ministros, acadêmicos, artista e escritores — como o moçambicano Mia Couto; a mulher do escritor português e Prêmio Nobel de Literatura José Saramago, a também escritora Pilar del Rio; e a mulher do próprio Chico, a advogada Carol Proner.

Chico abriu o discurso ressaltando a importância que o pai, Sérgio Buarque de Holanda,

teve em sua obra, tanto como compositor quanto como escritor. Também destacou o papel político do historiador e sociólogo, um dos fundadores do PT. “Mas ele não viu a restauração da democracia no país, nem que o Brasil cairia em um

profundo poço (nos últimos quatro anos)”, lamentou.

Sangue miscigenado

Mais descontraído, brincou que temeu a possibilidade de ter o prêmio cancelado depois

de quatro anos de espera, com uma pandemia no meio e à pouca importância que o último governo deu à cultura. Chico contou que seus antepassados brancos tentaram apagar da história da família o sangue negro e indígena. “Tenho

sangue dos açoitados e dos açoitadores”, frisou.

O escritor e compositor afirmou que se sentia honrado por receber um prêmio tão importante — um dos mais celebrados do mundo — como literato, mas faz questão de ser reconhecido

no Brasil como compositor popular. Chico destacou, ainda, que a democracia venceu no país com a eleição de Lula, mas alertou que os quatro anos “de um governo funesto” plantou as raízes do fascismo. “Não podemos nos descuidar”, avisou.

Em dois momentos, Chico levou a plateia às gargalhadas. Primeiro, quando disse que a mulher atravessou uma das avenidas de Lisboa para comprar a gravata que estava usando. Uma ironia à polêmica criada em torno da gravata comprada pela primeira-dama brasileira, Janja, em uma loja da grife de luxo Ermenegildo Zegna.

A segunda, quando disse que teria direito à cidadania portuguesa, pois descendia de judeus sefarditas, que fugiram de Portugal para o Brasil por causa da perseguição da inquisição. Mas, em seguida, ressaltou: “Já morei fora do Brasil (na Itália para fugir à perseguição da ditadura militar) e não pretendo repetir a experiência. Em Portugal, me sinto mais ou menos em casa”.

Presente à cerimônia, a cantora Fafá de Belém foi enfática: “Acho que (o prêmio dado a Chico) é um ato simbólico. Finalmente o resgate de democracia e do respeito às artes como fundamentais para o desenvolvimento de um país”, destacou.

A cerimônia ocorreu no suntuoso Palácio Nacional de Queluz, onde nasceu e morreu dom Pedro I. Brasil e Portugal são responsáveis pela premiação, de 100 mil euros (aproximadamente R\$ 560 mil).

Para Lula, demora na entrega de honraria foi um “absurdo”

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva afirmou que a demora de quatro anos para a entrega do Prêmio Camões a Chico Buarque foi um dos maiores absurdos cometidos pela cultura brasileira nos últimos tempos.

“Digo isso porque esse prêmio deveria ter sido entregue em 2019 e não foi. Todos nós sabemos por quê”, disse, ao lado do cantor, escritor e compositor brasileiro.

Chico era visto como um inimigo pelo governo passado, além de ser apoiador de primeira hora do presidente da República. Na última eleição, ele gravou vídeos em que dizia que era importante eleger o petista como forma de garantir a democracia do Brasil, combater a onda de ódio e eliminar a pobreza.

Segundo Lula, o ataque à

cultura, em todas as suas formas, foi uma dimensão importante do projeto que a extrema direita tentou implementar no Brasil. “Se, hoje, estamos aqui para fazer esse gesto de reparação e celebração da obra do Chico, é porque, finalmente, a democracia venceu no Brasil”, assinalou. O presidente ressaltou que o Brasil não pode esquecer que “o obscurantismo e a negação das artes também foram uma marca do totalitarismo e das ditaduras que censuraram o próprio Chico no Brasil e em Portugal”.

Para Lula, a premiação do compositor é “uma resposta do talento contra a censura, do engenho contra a força bruta”. Acrescentou que a obra de Camões foi o início da grande epopeia da língua portuguesa, que



O ex-presidente teve a rara fineza de não sujar meu Prêmio Camões”

Chico Buarque, ao receber o diploma

hoje floresce nos nove países que a falam oficialmente. “A obra de nosso Chico Buarque, produzida nesse mesmo idioma, acompanha toda a história recente do Brasil, com especial atenção ao destino político e cultural de nossos países-irmãos”, completou.

No discurso, praticamente todo lido e com várias citações às canções do compositor e escritor, o presidente enfatizou que

“Chico transformou em patrimônio literário comum os amores de nossos povos, as alegrias de nossos carnavais, as belezas de nossos fados e sambas, as lutas obstinadas de nossas cidadãs e cidadãos pela conquista da liberdade e da democracia”. E emendou: “Em seu cancionário, em suas peças de teatro e em seus romances, o cantor nunca deixou de fazer da língua portuguesa instrumento

de transmissão de nossas culturas e de nossas lutas”.

Traço de união

Segundo Lula, na obra de Chico, o passado, o presente e o futuro do Brasil e de Portugal sempre estiveram vinculados. “Foi assim que ele decidiu revisitar nossa história, na peça Calabar, para nos mostrar, por meio deste personagem luso-brasileiro, quantas vezes em nosso destino se fizeram de traidores, heróis; de heróis, condenados; e da justiça, arbítrio. Quando Brasil e Portugal atravessavam violentos regimes ditatoriais, foi assim que Chico jogou luz sobre a festa da redemocratização portuguesa, fazendo com que guardássemos, ‘teimosos e renitentes’, um velho cravo como esperança para

nós mesmos. Um cheirinho de alecrim”, acrescentou.

No único improviso de sua fala, Lula brincou com Chico: “Quando ainda era muito pequeno, queria ser cantor, queria escrever peças de teatro e queria fazer tudo o que você faz, inclusive escrever romances. Já falei para minha mãe que queria ser tudo isso, ela falou: ‘Não, meu filho, você não pode ser, porque já nasceu um menino dois anos mais velho do que você chamado Chico Buarque, que vai ser o mais importante’. E eu, há 75 anos, falei para minha mãe: ‘O que vou ser?’ Ela falou: ‘Se prepare, que você vai ser presidente’. E aqui estou, eu, presidente da República, e o Chico, representando a cultura viva do nosso país”. (VN)

Marielle dará nome a prêmio antirracismo

» VÍCTOR CORREIA

A ministra da Igualdade Racial, Anielle Franco, acertou, ontem, em Portugal, a criação do Prêmio Marielle Franco para a investigação de casos de racismo e xenofobia no país europeu. O acordo foi firmado em reunião com integrantes do Observatório de Combate ao Racismo e à Xenofobia da Universidade Nova de Lisboa.

O governo brasileiro e o Observatório se comprometeram a atuar mais fortemente, e com maior cooperação, no combate aos casos de xenofobia e

racismo. Anielle reuniu-se com o Comitê Popular de Mulheres Brasileiras em Portugal, ao lado da primeira-dama, Janja Lula da Silva, quando ouviu das imigrantes casos de discriminação, falta de dados sobre os ataques preconceituosos e a falta de canais de denúncia.

“O Brasil é referência mundial na produção de políticas públicas de igualdade racial, e passa por um momento de avanço com a criação do nosso ministério. Podemos contribuir com Portugal para uma formulação de diagnóstico e no consequente avanço dessas políticas.

A parceria com o Observatório é o primeiro passo para isso”, disse a ministra.

No encontro, Anielle destacou a necessidade de produção de dados sobre a população negra de Portugal, que inclui imigrantes brasileiros e africanos — uma das medidas seria a inclusão desse recorte no Censo português. Ela destacou que como não há um canal de denúncia para casos de racismo e xenofobia, a elaboração desse veículo para denúncias será uma das prioridades a serem trabalhadas com o governo português.

“O que as mulheres relataram é que tem várias situações de

vulnerabilidade. Acho que essa troca, seja a partir do comitê, dessa abertura de diálogo, vai ser fundamental”, frisou.

Ao lado de Janja, Anielle destacou a postura da primeira-dama, que, conforme enfatizou, recebeu o pedido de reunião com as integrantes do comitê no dia anterior e, prontamente, aceitou recebê-las. “Sempre defendo muito a postura da Janja, porque acho que ela ressignifica esse lugar de primeira-dama. Senti isso muito na campanha de 2022, onde muitas vezes nós estávamos juntas, explicou a ministra.

Ministério da Igualdade Racial



Janja e Anielle posam antes do encontro com brasileiras em Portugal